

8.01.04 - Linguística / Sociolinguística e Dialectologia

**REFLEXÕES SOBRE A ORALIDADE/A FALA DE ALUNOS DO SÉTIMO E OITAVO ANO DE ESCOLA PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE IMPERATRIZ**

Luziane de Moraes Matias<sup>1</sup>, Maria da Guia Taveiro Silva<sup>2</sup>

1. Estudante do curso de Letras Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, Centro de Ciências Humanas Sociais e Letras da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (CCHSL-UEMASUL)
2. Doutora em Linguística pela Universidade de Brasília – UnB, Professora do CCHSL/UEMASUL/Orientadora

**Resumo**

A pesquisa teve como foco a variedade/variação linguística no ensino de língua materna. O objetivo foi analisar a variação da fala de alunos do sétimo e oitavo ano do Ensino Fundamental de uma escola pública periférica. Desse modo, buscou-se averiguar a percepção do professor sobre a diversidade linguística em sua sala de aula, especialmente na oralidade/na fala e identificar o tratamento dado a essa variação. Para tal, foi feita uma pesquisa qualitativa, classificada como uma microetnografia, com o pesquisador inserido em sala de aula fazendo observações e registro de informações. Para a fundamentação teórica, foram utilizados teóricos como Bortoni-Ricardo (2004); Bagno (2007) e documentos oficiais como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Língua Portuguesa (BRASIL, 1997). A importância desse estudo se dá em contribuir com a prática do professor, de forma que haja melhorias no processo de ensino-aprendizagem da língua, focando também na variedade/variação linguística.

**Palavras-chave:** Variedade linguística, Tratamento, Língua Materna.

**Apoio financeiro:** FAPEMA.

**Trabalho selecionado para a JNIC:** UEMASUL.

**Introdução**

A língua, apesar de ser abstrata, se concretiza em contextos diversos e é passível de mudanças em suas diversas formas de realização. Assim, não é de se estranhar a existência da variedade/da variação linguística, que é resultado da composição multifacetada de um povo, neste caso, do Brasil. Regularmente, ela é caracterizada por sua diversidade, pois língua e sociedade estão intimamente ligadas.

Entretanto, o que se percebe é que há uma enorme dificuldade para se aceitar que a língua varia, que há variedade linguística, pois se convencionou que a Língua Portuguesa é somente aquela contida nas gramáticas, cheia de regras, sem desvios e alterações, que, segundo Bagno (2007, p. 19), “não é falada (nem mesmo escrita) por ninguém”. Assim, deve-se levar em conta o que Marcuschi (2001, p. 9) ressalta, pois para ele, “são os usos que fundam a língua e não o contrário”. E a colocação da norma-padrão como um ideal de língua faz com que qualquer variação proveniente desta seja rejeitada, pois o prestígio atribuído à norma culta e aos falantes que dela fazem uso, implica a condição de estigma à norma popular e aos falantes desta, que são maioria.

Já discutida nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a diversidade linguística deve ter espaço em sala de aula, é necessária a existência de um ensino que tenha mais abertura em relação à língua, que aborde sua diversidade e as possibilidades que ela confere aos seus falantes. Logicamente, é preciso que a norma culta seja ensinada, porém, de forma cuidadosa, a fim de que não haja um choque e o aluno crie o pensamento de que não sabe falar a própria língua. Dessa forma, o aluno adquire o que Bortoni-Ricardo (2004, p. 73) chama de “competência comunicativa”, que é a habilidade de interagir com quaisquer pessoas em quaisquer ambientes usando a variação adequada.

Assim, têm-se a notoriedade dessa pesquisa que buscou informações do que ocorre dentro da sala de aula quanto ao fenômeno da variedade linguística com o objetivo de analisar a variação da fala de alunos de anos finais do Ensino Fundamental, averiguar a percepção e o tratamento dado à variação da fala dos alunos pelo professor, e descrever as dificuldades dos colaboradores relacionadas à fala.

**Metodologia**

A pesquisa foi realizada em uma abordagem predominantemente qualitativa. Como o pesquisador esteve inserido na sala de aula, esta pesquisa pode ser classificada como uma microetnografia; como uma pesquisa qualitativa de cunho etnográfico.

A pesquisa ocorreu em duas etapas. Na primeira, foi feita a seleção do material bibliográfico que a fundamenta, e, posteriormente, deu-se o início à pesquisa de campo, que se ocupou de realizar entrevista semiestruturada com os professores colaboradores. Inicialmente, o propósito era perceber, entre outras coisas, o conhecimento deles sobre a teoria Sociolinguística, que trata também da existência da variedade linguística. Em seguida, procedeu-se com a observação do cotidiano escolar, com registro escrito e, posteriormente, gravação (áudio) de informações.

Um dos principais materiais usados nesta pesquisa foi um gravador de áudio, foi usado também caderno de anotações. Os demais instrumentos foram, principalmente, observação (com apontamentos) e entrevista semiestruturada.

A pesquisa foi realizada em uma escola pública municipal, localizada no centro da cidade de Imperatriz, porém, frequentada por alunos da periferia. Eles eram transportados para a escola, diariamente. As turmas observadas foram as de sétimo e oitavo ano. Assim, foram colaboradores desta pesquisa alunos e professores das turmas citadas. Porém, a pesquisa envolveu a comunidade escolar em geral, pois ela contribuiu direta e indiretamente para a realização da pesquisa.

Após a pesquisa de campo que concentrou tanto informações das observações quanto das gravações e das entrevistas foi feita a análise dos dados. A análise levou em conta as informações da entrevista semiestruturada feita com os professores, as observações escritas e as transcrições das gravações realizadas. A análise visava alcançar os objetivos estabelecidos para este estudo.

Assim, com a transcrição das gravações foi possível fazer a análise dos fenômenos contidos na fala dos alunos, baseando-se nos níveis de variação apresentados por alguns autores, entre eles encontra-se Coelho (2018). A separação dos tipos de variação pelas turmas torna mais fácil a análise e as conclusões.

Assim, com o objetivo de verificar se os objetivos foram alcançados, foram construídas três categorias de análise: 1) a percepção do professor quanto à diversidade linguística de sua sala de aula; 2) o tratamento dado à variação da fala dos alunos; 3) as dificuldades dos colaboradores relacionadas à fala.

Para melhor identificação dos colaboradores, nas transcrições, nos fragmentos, foram usadas as letras: A, para aluno (acompanhados de números, para indicar a participação de diferentes alunos) e P, para professor. Nas transcrições e anotações de períodos, as palavras ou expressões que constarem algum fenômeno de variação linguística estarão em negrito, para melhor identificação.

## Resultados e Discussão

### 1) A percepção do professor quanto à diversidade linguística de sua sala de aula

É importante que haja conhecimento sobre a diversidade linguística pelos professores, para se desconstruir mitos e traumas que se criam sobre a Língua Portuguesa, já que a ignorância desse assunto pode levar ao preconceito linguístico. Assim, na entrevista semiestruturada com os professores, buscou-se saber qual o conhecimento que eles tinham acerca da Sociolinguística e da variedade linguística. A professora do 7º ano, graduada em Letras-Inglês declarou que sua formação não contemplou a teoria Sociolinguística, portanto, não tinha conhecimento das variedades linguísticas. A professora do 8º ano, também graduada em Letras-Inglês afirmou que a disciplina foi ministrada a ela e que tinha conhecimentos mínimos sobre a variedade linguística.

Entretanto, foi observado que as duas professoras faziam uso da variação/variedade linguística considerada como de menos prestígio, em sala de aula. O resultado mostrou ainda que o uso era intercalado: uma fala formal com uma informal. Notou-se que os professores parecem não perceber o uso que faziam da língua, nem o de seus alunos.

Abaixo a transcrição da fala da professora do 7º ano, em aula. Os fragmentos são de momentos diversos durante a aula:

P:- Eu **to terminano** de **corrigi** os trabalhos de vocês e amanhã eu entrego, viu?

P:- Eu **vô botá** ela pra fora, ela num vai mais **falá** nada de você não.

Assim, passa-se a averiguar qual é o tratamento dado à variação da fala dos alunos, pelos professores.

O dado mostra que a professora não está se monitorando ao falar com os alunos. É até natural que ela tenha momentos descontraídos com os alunos, porém, ela deve se preocupar quando e como fala, porque ela é um modelo para eles. É com ela que eles vão aprender a variedade culta. Como visto, não há percepção da variedade linguística, por parte dos professores. Também por isso, não se fez nenhuma interferência na fala dos alunos. É natural que os professores façam uso da variedade/variação linguística do aluno, mas é do mesmo modo que, principalmente na escola, percebam que precisam aprender a variedade culta da língua, pois é a exigida oficialmente no país.

### 2) O tratamento dado à variação da fala dos alunos

Assim, passa-se a averiguar qual é o tratamento dado à variação da fala dos alunos, pelos professores. Ao questionar a professora, um aluno diz:

A5:- Tia precisa de **cabeçario**?

P:- Não.

O aluno faz uso de uma palavra própria da variedade coloquial, pois faltava a ele/ao falante ter contato e aprender a forma considerada culta: cabeçalho. Em **cabeçario**, há a ocorrência de alguns fenômenos, e um deles é o iotacismo, que é a transformação de um som para o da vogal **i**, houve também epêntese/acrêscimo do **r** dentro da palavra. Além deste aluno, outros fizeram uso desta mesma palavra, mas não foi percebido pela

professora que continuou o trabalho sem fazer nenhuma interferência. Em nenhum momento foi feito um trabalho, no sentido de fazê-los entender que há uma variedade que todos precisam aprender para poder fazer uso nos contextos em que ela é exigida. Desta forma, fica evidente que o professor não dá nenhum tratamento à variedade linguística dos alunos.

### 3) as dificuldades dos colaboradores relacionadas à fala

Quanto às dificuldades dos colaboradores relacionadas à fala, foi observada a seguinte fala de um aluno dirigindo-se ao seu colega:

A4:- Não, o copo dela é de **vrido**.

É perceptível, no dado, que ocorreu troca de lugar/transposição do fonema consonantal **r** dentro do vocábulo, o que se chama de metátese. Este é um fenômeno considerado frequente no português brasileiro, principalmente no repertório de falantes rurais (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 57). Portanto, não deveria estar na fala desse aluno de 8º ano e que vive na zona urbana.

A seguir encontra-se mais um fragmento dos momentos de interação dos alunos:

A7: -**Issaqui** num tem **nur** livro não.

A2: -**Muié**, pega esse **negóço** aí **dibaxo**.

A4: -**Deru todin** pra eles.

A1: - Tinha uns **homi** lá

A2: -**Nóis tamo** em que **mêis**?

A5:- Hoje é **quantu**?

Este dado mostra a ocorrência de vários fenômenos, porém, há casos que merecem mais atenção como **muié**, que é uma variante muito empregada na função de vocativo. Há ocorrência de “vocalização da consoante lateral palatal /lh/” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 58) e a perda do **r** fonológico. A variante **deru** é um exemplo de síncope, assim como **todin**. **Dibaxo**, **quato** e **negóço** são variantes mais estigmatizadas e não deviam estar presente na fala desses alunos, ainda que o uso tenha sido observado em situações contraídas.

O que fica claro é que, com o desconhecimento do possível uso de variantes e a difícil assimilação da norma-padrão o aluno utiliza-se da língua que tem conhecimento; da sua língua internalizada. A despreocupação do professor em explicar a existência das variedades, faz com que o aluno se utilize das variantes que conhece em todas as situações de oralidade.

É notável que a não abordagem da variedade linguística em sala de aula se torna um problema, pois com um ensino deficiente de Língua Portuguesa, o aluno não terá o conhecimento suficiente nem da norma-padrão, que é necessária tanto para concepção das regras da sua língua materna quanto para uso em situações formais; nem das variedades que compõem e enriquecem essa língua.

## Conclusões

Apesar de a variedade linguística ter sido abordada nos PCN, que constam do ano de 1997, até hoje não se trata desse assunto em sala de aula, como deveria, na maioria das escolas. A pesquisa mostrou que não houve percepção, por parte do professor, quanto à heterogeneidade da língua/à sua diversidade linguística, e também o professor não deu nenhum tratamento à variação da fala dos alunos. Em sala de aula, a atitude do professor deveria ser de manutenção das variedades e de apresentação da linguagem culta, da norma-padrão, o que possibilitaria o conhecimento da dimensão da sua língua e a ampliação do repertório desta. Porém, o que se vê é a escola, em ação contrária, considerando e apresentando somente a norma-padrão ao aluno. O professor age desta forma, na tentativa de limitar o conhecimento linguístico do aluno a uma única forma da língua – a vista como única “correta”.

A questão do tratamento que a língua deve ter no âmbito escolar envolve toda a sua comunidade, mas a responsabilidade maior recai para o professor. Ao assumir a tarefa de ensinar aos alunos o que eles precisam saber, o professor deve estar disposto a oferecer-lhe o melhor que pode, dentro da área e nível que realiza seu trabalho.

No entanto, o que esta pesquisa mostrou é que não há percepção, por parte do professor, quanto à heterogeneidade da língua/à sua diversidade linguística, os dados mostram que a própria professora faz uso da mesma modalidade linguística dos alunos. Ressalta-se que o fato de a professora falar, na maioria das vezes, como o aluno, mesmo que a deixe mais próxima dele não é o ideal. Ao assumir a tarefa de ensinar a língua-padrão, o professor deve monitorar-se para evitar a incoerência – ensinar o que considera como certo, mas sua prática difere do que ensina.

A pesquisa mostrou também que o professor não dá nenhum tratamento à variação da fala dos alunos, a professora nem percebia a diversidade linguística em sua sala de aula, pois não foi feita nenhuma interferência/nenhuma observação quanto ao modo como os alunos falavam. Em sala de aula, a atitude do professor deveria ser de manutenção dessas variedades e de apresentação da linguagem culta; da norma-

padrão, o que possibilitaria o conhecimento da dimensão da língua e a ampliação do seu repertório.

Quanto às dificuldades mais frequentes relacionadas à fala dos colaboradores, os tipos de variação mais encontrados no repertório linguístico dos alunos foram o fonológico e o morfológico, bem como o discursivo, outros como o morfossintático e a morfofonológico foram menos frequentes. O que deve ser feito é a identificação da variação utilizada, mostrando a diferença entre uma variedade e outra, para poder haver a conscientização (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 42).

Quando o aluno se expressa oralmente e o professor faz a correção sem explicação do fenômeno da variação linguística, manifesta-se a crença da existência de uma língua homogênea e única, sem dar ao aluno a oportunidade de entender as possibilidades existentes dentro da sua língua. É tarefa da escola prover conhecimento linguístico aos alunos, é sua responsabilidade mostrar a ele as dimensões linguísticas adequadas para cada nível, ensinar a língua de forma que não reforce o preconceito de forma que não seja reforçada a ideia de que quem não domina a modalidade culta, não sabe falar. A escola pode romper a corrente desta prática, mas ao que se percebe, ela a reforça cada vez mais.

### Referências bibliográficas

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2007.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: língua portuguesa. Brasília: Secretaria da Educação Fundamental, 1997.

COELHO, I. L.; GÖRSKI, E. M.; SOUZA, C. M. N. de; MAY, G. H. **Para conhecer Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2018.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001